

# PARA ILUCIDAÇÃO

dos de mais de quarenta anos  
sobre a geração dos de menos de trinta

O inquérito aberto pelo «O Diabo» entre os homens de mais de quarenta anos sobre a geração dos de menos de trinta—tem originado certas confusões de todo em todo lamentáveis que julgamos oportuno esclarecer, tentando elucidar os de mais de quarenta anos sobre a verdadeira mentalidade dos de menos de trinta.

E' desejo nosso que neste breve artigo nos não caia da pena a mis pequena apreciação ou juízo de valor acerca da geração em que nos integramos. Trata-se aqui de *de-finito*, não de *judgar*.

Deixando de lado os fins que nos propomos, matéria sobre a qual pouco é possível dizer-se fora do campo estético, procuraremos defenir-nos pelo dinamismo com que encarnamos hoje ideais e aspirações que são mais ou menos de sempre.

Ora nós somos antes de tudo, uma geração realista, ou, como costuma dizer-se, estruturalmente *anti-lírica* (1). Para nós há uma norma que prima sobre todas as que nos norteiam a conduta: conhecer a realidade e operar de harmonia com as possibilidades que ela nos confere. Não sonhamos: observamos e pro-

curamos agir adequadamente; não temos arquétipos ideais de todas as coisas: vivemos fundamente as existentes e tentamos transformá-las. Em resumo: possuímos consciência dialéctica do mundo e da vida.

Para nós, todos os grandes movimentos que se desenrolam exclusivamente no campo da predicação moral ou estética—estão destinados a fracasso irremediável. E' que nós sabemos que as ideias só actuam quando vividas pelos homens em lutas contra o seu meio. E sabemos também que as ideias são verdadeiras ou falsas, conforme resultam na acção.

A-final, não deixarão de notar os nossos juizes, somos gente sem idealismo e, para mais pragmatistas. E' verdade; sómo-lo no mais elevado sentido da palavra, isto é, enquanto supomos que a materialidade do homem faz a base real de todo o humanismo que queira ser, como o nosso, essencialmente humano. Somos pragmatistas porque amamos mais o Homem do que as

ideias, mais a vida que a especulação. Daí a nossa preferência por uma filosofia para o homem moderno, por uma filosofia humana, dialéctica e materialista.

E' possível que tudo isto tenha um sabor desolante de arruaça para os entrevistados do jornal «O Diabo», que geralmente nos desconhecem, por óbvios motivos, esta maneira aguerrida de encararmos a *struggle* social. A verdade mais verdadeira de todas, porém, é que somos justamente assim.

A juventude tem as suas ilusões e nós também as temos naturalmente. Mas uma há que certamente não albergamos: a de que os de mais de quarenta anos nos não compreendem, porque *não querem compreender-nos*. E' que a nossa visão das coisas diz-nos que eles *não podem* compreender a juventude, por força da posição que ocupam no fluir da história. Só a juventude se compreende, ao mesmo tempo, a si mesma e aos outros. Não somos limitados na possibilidade de adesão

ao mundo dos outros, somos, por virtude da nossa posição na História, os homens de mais aberta compreensão.

Supomos não ter traído a verdade definindo assim aqueles dos de menos de trinta que têm direito a representar a geração que se encontra no banco dos réus, perante o tribunal dos idealistas de mais de quarenta anos.

Quanto aos outros, delambidos moços cinéfilos, etc.... são de todos os tempos, Senhores, e nunca contaram, salvo erro, para efeitos de balanço intelectual, moral ou político de uma geração.

AGNELO MENDES  
LUCIO TEIXEIRA

P. S.—Pedimos aos nossos leitores de mais de quarenta anos a bondade de não restringirem ao campo meramente político os traços que aí ficam de um ideário que abrange, de modo total, as várias manifestações da actividade humana.

(1) Há que entender esta fórmula hábilmente. Só somos *anti-líricos* na medida em que condenamos o lirismo como concepção da vida e atitude *total* perante ela. Somos também *não-líricos*, no sentido de não nos deixarmos fluir por certas aparências...

## resposta ao sr. João Gaspar Simões

com a atenuante de que não é caso único.

Sabemos muito bem o que era esse ideal da arte clássica de que nos fala o sr. Gaspar Simões; mas sabemos, também, que esse ideal não era escondido pelos imitadores, pois estes até nisso encontravam honroso motivo de exibição literária,—o contrário do que sucede com o sr. Botto. De resto, nunca houve quem proclamasse que esse ideal representava afirmação de originalidade, como aquela que quasi todos os críticos portugueses atribuem ao sr. Botto, quando dizem que a sua obra é constituída só por «casos pessoais».

Para a crítica moderna, os temas emprestados «confinent au plagiat; ils paraissent tout au moins attester un manque d'imagination dont nos contemporains rougiraient...» (2) Há, pois, no nosso livro, verdadeiro esforço para absolver o sr. Botto, à face da crítica moderna. Entendêramos que se duas hipóteses eram igualmente verificáveis (sugestibilidade e plágio), cumpria-

nos optar por aquela que menos atentasse contra a dignidade do poeta.

O sr. Gaspar Simões precisava de nos provar que, não havendo sugestibilidade, não há, também, plágio. Porque se limitou a simples afirmações? Porque não transcreveu os nossos cotejos, estudando-os? Porque o não faz? Pedimos-lho nós e lho exigem os leitores perturbados, cuja opinião não se formou através das críticas do sr. Gaspar Simões.

A sua crítica ao poeta (como a crítica de todos os outros) tem sido feita na ignorância do que nós trouxemos a público. Cumpria, portanto, fazer-se a revisão. Não sucedeu isso. Pelo contrário. Era preciso afirmar que a nossa tese não tinha consistência. Como argumentar contra nós? O crítico *intangível*, contando com a falta de preparação e de cultura do nosso público, resolveu só afirmar, fingindo argumentar.

Mas nós estamos disposto a defender o público das malhas da falsa crítica. Não fugimos, portanto, à discussão. Aceitamo-la e gostamos dela. O que nos dá grande força para a aceitarmos e a desejarmos, é isto: Mesmo que,

para os leitores, saíssemos vencido na polémica, para nós, para a nossa inteligência, sairíamos triunfante, porque aceitar a verdade que ignorávamos é um triunfo. Eis uma humildade que envolve grande heroísmo. Estará o sr. Gaspar Simões, e estarão todos os admiradores do sr. Botto, nestas condições de espirito? Se assim fôr, todos ganharemos. Embora assim não seja, pedimos a discussão, porque, ao menos, alguma coisa o público aproveitará.

Uma condição se impõe: delimitar bem as fronteiras do debate. Sem deixarmos de tratar, à margem, os problemas de ordem estética e filosófica, será preciso não perder de vista a ideia essencial: *o caso da inspiração livresca do sr. Botto*.

Mas desejaríamos interessar na polémica todos os nossos intelectuais—levantando-se a questão da crítica e dos críticos em Portugal.

NOTA—Entre mim e o sr. Cristiano Lima houve uma pequenina correspondência epistolar, em que aquele senhor (me pediu, com insistência, que voltasse a colaborar em

*O Diabo*. Após certas explicações, perguntei-lhe se estava disposto a ceder-me espaço no seu jornal, para eu defender o meu livro *Através da obra do sr. António Botto*, que tinha sido atacado pelo sr. João Gaspar Simões. Esta pergunta marcou a interrupção da correspondência, pois não obtive resposta. Decorridos oito dias, escrevi um postal, sobre o assunto, solicitando resposta na volta do correio. O mesmo silêncio. Decorridos outros oito dias, escrevi novo postal, no qual lhe dizia que, se não viesse resposta na volta do correio, eu considerava como recusado o espaço para a minha defesa em *O Diabo*. O mesmo mutismo.

Eis a razão por que este artigo, já escrito há algumas semanas, é hoje publicado no *Sol Nascente*, com o qual eu não tinha as menores relações literárias ou pessoais. Ao *Sol Nascente* agradeço o acolhimento imparcial que nêle encontrarei.

No próximo número escreverei mais algumas linhas sobre o sr. Gaspar Simões, o bom senso e a poesia.

A. de C.

(2) Van Tieghem, *La Littérature Comparée*, pag. 111.